



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV  
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**SABRINA SILVA DA CRUZ**

**VIVÊNCIAS DE VENDEDORAS NEGRAS DA FEIRA LIVRE DE  
MIGUEL CALMON-BAHIA (1970-2000)**

**JACOBINA  
2018**

**SABRINA SILVA DA CRUZ**

**VIVÊNCIAS DE VENDEDORAS NEGRAS DA FEIRA LIVRE DE  
MIGUEL CALMON-BAHIA (1970-2000)**

Monografia apresentada ao Curso História do Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Caroline Santos Silva

**JACOBINA  
2018**

# **VIVÊNCIAS DE VENDEDORAS NEGRAS DA FEIRA LIVRE DE MIGUEL CALMON-BAHIA (1970-2000)**

Monografia submetida à análise pela Comissão Examinadora do Corpo docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus IV, Jacobina – BA, como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação do curso de Licenciatura em História.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Composição da Banca Examinadora:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Caroline Santos Silva – UNEB

---

Membro: Prof. Doutor Jackson André da Silva Ferreira – UNEB

---

Membro: Prof. Doutor Valter de Oliveira – UNEB

“Meu recado as mulheres  
Contem suas histórias  
Descubram o poder de milhões de vozes que foram caladas por séculos.”

Ryane Leão

“Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta  
com ela.”

Angela Davis

“Quando as pessoas estão determinadas elas conseguem alcançar qualquer coisa.”

Nelson Mandela

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa  
sociedade que insiste em negá-la.”

Djamila Ribeiro

“O lixo vai falar, e numa boa.”

Lélia Gonzalez

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a minha mãe solo, Elisene Nunes, por todo apoio afetivo e econômico, sempre me incentivando a nunca desistir, mas a correr atrás dos meus objetivos. Estando sempre ao meu lado nas horas boas e ruins, obrigada mainha.

Agradeço de forma especial a minha orientadora Caroline Silva, pela sua disposição e paciência, muito obrigada pelo carinho e atenção.

Aos meus familiares que estiveram sempre me apoiando, em especial a minhas primas, Jamile Nunes, Marina Costa, Rafaela Cruz e Raquel Cruz, pela atenção e carinho, sempre me instigando a ir à procura de um futuro melhor.

As minhas amadas vendedoras, pois graças a disponibilidade das mesmas essa pesquisa pode ser feita, Dona Regina pela paciência de me relatar sua linda história de vida, Dona Creusa pelas gargalhadas maravilhosas, Dona Célia pelo carinho e atenção, Dona Lucivone por ter me permitido ter uma experiência na feira juntamente com ela, Dona Maria José, Dona Adelha, Dona Eliana, Dona Marileide, Dona Ana Lélia, Dona Sandra e Dona Flora, muito obrigada por me permitirem entrar na casa de vocês e conhecer um pouco sobre suas histórias de vida.

A todos os professores que tive a oportunidade de ser aluna, muito obrigada por todo conhecimento. Em especial aos professores Cândido Domingues, Jackson Ferreira pela sugestão de tema para pesquisa. Agradeço também a Universidade do Estado da Bahia e a todos os funcionários pelo acolhimento e toda contribuição.

Agradeço a todas as companheiras que tive a oportunidade de trabalhar na biblioteca da UNEB, agradeço também por todos os ensinamentos que me foram passados por João Sousa e Maria Luiza.

Ao grupo de Gênero e FeminismoS e todas as mulheres que constrói o mesmo, pelas dicas de leitura que contribuíram bastante para minha pesquisa.

Agradeço muitíssimo ao movimento estudantil, em especial ao meu amigo Klaus Araújo por ter me apresentado ao Coletivo Kizomba e o Enegrecer que contribuíram bastante na minha formação política e humana para além da universidade. Aproveito para incluir em meus agradecimentos a Ocupação Iara Iavelberg e todas (os) companheiras (os) que participaram.

Obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a trajetória de vendedoras negras na feira livre de Miguel Calmon e sua participação na composição social e cultural da cidade. Historicamente no Brasil, as mulheres negras já ocupavam os espaços públicos desde a colonização, elas eram em sua maioria escravas e responsáveis não somente pelos afazeres domésticos, mas também por vendas de produtos de seus supostos donos. Partimos da necessidade de mostrar que muitas mulheres também ocuparam os espaços públicos em diferentes épocas. Através da análise dos testemunhos podemos refletir sobre a atuação dessas mulheres como comerciantes e produtoras. Compreendemos como se dava as relações dessas trabalhadoras com os seus fregueses e/ou companheiros. Sabemos que as mulheres são consideradas membros fundamentais na construção de uma família, mas a proposta desse estudo é mostrar a importância dessas mulheres negras em outros espaços para além do ambiente doméstico. Reiteramos, assim, a necessidade de mostrar a trajetória de mulheres comuns do nosso semiárido baiano.

**Palavras-Chave:** Mulheres Negras, Relações de Trabalho, Feira Livre, Miguel Calmon.

## **ABSTRACT**

The following work aims to follow the trajectory of black vendor women at Miguel Calmon's free market and their part in the social and cultural composition of the town. Historically, in Brazil, black women already occupied public spaces since colonization, mostly as slaves, responsible not only for home labour but also for selling products in behalf of their owners. We shall start by the need to show how many women occupied public spaces in different times. Through the analysis of testimonies we will be able to reflect upon these women's agency as vendors and producers, understand their relationships with customers and/or peers. We know these women are seen as fundamental members to their families, but this work's purpose is to show the importance of these black women in spaces beyond private. We, therefore, reaffirm the need to show the trajectory of ordinary women in Bahia's semi-arid region.

**Keywords:** Black women. Work relationships. Free market. Miguel Calmon.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
Feira Livre de Miguel Calmon.....	10
Mulheres no Espaço da Feira.....	12
CAPÍTULO I – NO MEU COMÉRCIO QUEM MANDA SOU EU: AS FEIRENTES DE MIGUEL CALMON.....	16
1.1. Quem São Elas.....	16
1.2. Perfil Social.....	19
1.3. Divisão do Trabalho.....	20
1.4. Morenas, Mulatas e Pardas.....	22
1.5. “Era cartinha que a gente estudava naquele tempo...”.....	23
1.6. Donas do Próprio Negócio.....	26
CAPÍTULO II – A TRAJETÓRIA DE VIDA DE DONA MANDACARU.....	28
2.1. “Seis anos, eu ia pra roça pega burro de madrugada...”.....	28
2.2. “Deus quem pegava meus filhos...”.....	32
2.3. “...Truxe uma feira de arrasto...”.....	33
2.4. “Andando com mamãe e aprendendo ali na feira né...”.....	36
2.5. “...Sou da igreja católica...”.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
FONTES.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

## INTRODUÇÃO

Segundo Mott as feiras surgiram da necessidade que os homens tinham de comprar, vender e trocar produtos de diversos tipos, o que acabava atraindo pessoas residentes em locais distantes para o ponto central de comercialização, sendo essa atividade um costume muito antigo (1969, p. 68).

Importante ressaltar que a ideia de feira surgiu na Idade Média com característica de festejos religiosos, antes existiam espaço onde as pessoas trocavam mercadorias. Segundo Pazera Jr:

A palavra “feira” provém do latim “feria”, e significa dia festivo. Nos dias de festa os mercadores iam à praça pública negociar suas mercadorias. O termo "feira" surgiu em português porque na semana da Páscoa todos os dias eram feriados – férias ou feiras – e os mercados funcionavam ao ar livre (PAZERA JR. 2005, p.25)

Mott que as feiras não são apenas o local de encontro e da procura de bens e mercadorias, mas, também o lugar onde se realizam e condicionam um sem número de atividades paralelas: sociais, religiosas, políticas, administrativas, recreativas, etc. (MOTT, 1975, p. 10). A feira tem desempenhado um papel muito importante por ser um dos principais meios de comercialização dos produtores agrícolas, além de ser uma única opção de abastecimento para uma parcela da população brasileira.

Sabe-se que o espaço não é só uma local onde as pessoas vão para comercializar e consumir, mas também um lugar onde se informam, dialogam, reencontram, dessa forma integrando áreas rurais com a cidade, sendo de extrema importância para construção de uma sociedade. Nela se encontra espontaneidade dos indivíduos, sua diversidade e criatividade. Boechat e Santos (p.7) afirmam que conforme Bourdieu (1989), a feira é um local onde os envolvidos enriquecem o seu capital cultural, através de trocas; aprendizagens e obtenção de novos saberes e experiências vividas pelo outro. O freguês colabora com o seu saber da cidade para trocar com o feirante, enquanto este oferece um saber do rural, através do contato com a natureza e dos processos naturais produtivos.

Na relação entre cliente e vendedor existe uma confiança conquistada e mantida, pois o cliente confia no produto que esta consumindo e o vendedor adquiriu confiança no consumidor também, dessa forma cria-se um vínculo, que pode ser considerada uma amizade. Pode-se perceber a confiança existente entre os próprios barraqueiros, onde por muitas vezes vemos vendedoras vizinhas tomando conta da barraca para que a dona

possa resolver algum problema, ou até mesmo ir comprar algo, uma espécie de sororidade. Existindo uma cooperação entre os mesmos, para que todos possam vender seus produtos e adquirirem seu sustento. Sato acredita que:

A proximidade geográfica possibilita o estabelecimento de acordos entre vizinhos de banca. Entre si constroem regras de convivência específica, em geral válidas apenas para os feirantes que as definem, sendo impraticável qualquer tentativa de generalização. Elas englobam desde a definição de horários de montagem e desmontagem das bancas até a faixa de preços praticados (SATO, 2007, p.99).

Dessa forma, podemos perceber que através da feira livre surgiu nos feirantes uma sensação de integração social, além de uma reafirmação de identidade. Nota-se que existe legitimação de valores e constituição de subjetividades dentro de uma estrutura maior definida como “cultura popular”.

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, erguese uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos. (Morais e Araújo, 2006, p.267).

A feira contemporânea é construída com a participação dos feirantes, em sua maioria vendedoras, algumas delas são pequenas produtoras agrícolas que vendem suas colheitas. Existem também vários outros personagens que contribuem para que a feira aconteça, a exemplo, dos meninos que trabalham com carroças de mão, que auxiliam no tráfego desses produtos até as barracas onde serão comercializados. Têm os atacadistas e outros tantos inúmeros agentes que contribuem para a existência da feira livre, como quem faz a limpeza do espaço, quem monta as barracas; os fiscais da prefeitura que são responsáveis pela organização e cobrança dos impostos as (os) barraqueiras (os).

## Feira Livre de Miguel Calmon

Em virtude de tudo que foi dito anteriormente esta pesquisa tem como objetivo analisar a atuação das mulheres na feira da cidade de Miguel Calmon<sup>1</sup> no período de 1970 a 2000. Onde inicialmente a população Calmonense no século XIX dependia da feira realizada na cidade vizinha, Jacobina, para abastecê-la<sup>2</sup>. Alguns moradores da então Fazenda Canabrava se reuniam aos sábados embaixo de um enorme jenipapeiro, atualmente conhecido com Praça Canabrava, para que fosse feito esse deslocamento.

Com o passar dos tempos, tanto os moradores da Fazenda quanto os comerciantes jacobinenses foram percebendo a importância da fundação de uma feira na atual Miguel Calmon. Inicialmente alguns mascates e produtores rurais locais foram levando suas mercadorias, produtos de caráter de primeiras necessidades para serem vendidos. Dando origem a feira da cidade, isso aconteceu no ano de 1890, logo após Canabrava ser reconhecida como Arraial de Jacobina.

Com o surgimento da feira livre veio também à necessidade de ampliação da localidade, pois com a vinda dos comerciantes foram criados pontos de apoio, como pousadas para que essas pessoas pudessem repousar e permanecer por falta de transportes para realização dos traslados. Dessa forma, o pequeno arraial se desenvolveu aos poucos, incluindo um aumento populacional.

A feira livre da cidade sofreu algumas mudanças, sendo transferida da Praça Canabrava, local que foi fundada, para a Praça Lauro de Freitas em 1914 devido a uma inundação que aconteceu no período. Essa mudança influenciou na implantação de casas de comércio, residências e consultórios médicos no local, dando origem a praça “Nova”.

Algumas feirantes relatam que nesse período a feira já era organizada em seções, com a separação dos produtos em locais específicos. Não existiam barracas e a

---

<sup>1</sup> Miguel Calmon - Bahia: situa-se a 360 km da capital Salvador. O município se estende por 1.465,438 Km<sup>2</sup>, no último censo realizado pelo IBGE em 2010 contou com 26.466 habitantes. Sua densidade demográfica é de 18,06 habitantes por km<sup>2</sup> no território. Miguel Calmon foi emancipada em 6 de agosto de 1924.

<sup>2</sup> VILARONGA, Dalva; CARVALHO, Geferson. Retrato de Miguel Calmon: Análise Geral do Município. Jacobina, Bahia: I. A. Moreira Gráfica e Editora (Gráfica Oxente), 2007, p.60.

população que ia comercializar seus produtos levava-os em “caçosas” (espécie de cesto, que eram transportadas por jumentos) e utilizavam esteiras feitas de palha para cobrir o chão para expor suas mercadorias.

E lá a feira era como? chegava tinha os lugares assim, não era bagunçada não, o lugar que era banana, só era banana, agora era nos casuar, chegava botava uma fila de casuar ai com as cangaia, botava os jegue assim atrás e os casuar chei de banana, botava as esteira em cima e botava os casuar em cima, lá na frente era feijão, mas na frente farinha, do outro lado era carne, esses negocio de mascate quase que nem existia, pra vender roupa não existia não, e ai as carne era tudo nos varão, com as barraquinha de lona, com as carne espendurada, e na mesa assim em baixo também as carne.(Depoimento de Dona Jambu).

Passado algum tempo a feira foi transferida novamente, dessa vez para a Praça Ruy Barbosa. Foi fundado então o mercado municipal que ocupa boa parte do centro e da Praça, permanecendo lá até os dias atuais. Podemos analisar através de alguns depoimentos que a feira sofreu algumas mudanças até se firmar no atual endereço.

[...] ai depois mudaram nós de cá de baixo lá pra cima era tudo chão, primeiro botaram nós lá no meio ali de frente do mercado, aquele alto[...] aquele ali do meio, nós ficou descauquiada uns tempo ali vendendo naquele chão, depois disseram que não dava certo ali, levaram nós pra frente do Fórum, ai nós foi vender ali, vendi muito tempo também, a feira era boa também não era ruim não [...] depois tiraram nós disseram assim, vai mudar a feira outra vez, ai botaram nós ali de baixo daquele barracão.(Depoimento de Dona Jambu).

Atualmente, como a feira ocorre quase todos os dias da semana, infelizmente houve uma queda muito significativa nas vendas, contudo a mesma ainda ocupa uma parte significativa do centro da cidade, o que reflete no cotidiano e sociabilidade das pessoas. Segundo Carvalho;

A nossa feira livre compreende vários espaços públicos: ocupa toda a Praça Ruy Barbosa, partindo em seus extremos das Avenidas Odonel Miranda Rios e José Otávio de Sena, em linha reta, para o muro da Igreja Presbiteriana, dessa para a esquina da Avenida João Sahagum (em frente do Fazendão), subindo até contornar a segunda cobertura do Mercado Municipal, fechando o perímetro um pouco além do “Mercado Bom Preço”, na referida Avenida Odonel Miranda Rios. (Vilaronga; Carvalho, 2007, p. 189).

## Mulheres no espaço da feira

Analisando alguns trabalhos que falam sobre a feira<sup>2</sup> e a importância da mesma para o desenvolvimento local, notei que existem poucos trabalhos sobre a temática, sendo que a feira promove um grande movimento econômico, além de gerar ocupação de renda. Quando existentes são abordados na perspectiva mercadológica, deixando de lado os aspectos sociais, culturais e de identidade.

Pude perceber também a ausência de falas sobre a participação das mulheres para a construção da feira. Algo presente na sociedade brasileira de uma forma geral. Instigando dessa forma meu interesse de dar visibilidade ao trabalho árduo desenvolvido por elas. Na tentativa de mostrar as singularidades das mulheres sem homogeneizar e simplificar suas experiências.

Segundo Berth:

Nesse sentido, é urgente falar sobre as temáticas do pensamento do Feminismo Negro, não como supérflua manifestação identitária, mas como importante contribuição para a reestruturação social a partir das necessidades de grupos minoritários, tendo em vista que o locus social e as experiências que dele emergem. (BERTH, 2018, p.52).

Por muito tempo as mulheres não tinham representação, identidade própria nem espaço na história, tidas como personagens do espaço privado sem acesso ao mundo como um todo. As mulheres negras já se encontravam no âmbito público desde o período da colonização do Brasil, muitas dessas mulheres negras trabalhavam nas ruas vendendo quitutes para seus supostos donos, ou para elas próprias, no intuito de comprarem sua liberdade, no período da escravidão. Segundo Soares, conhecidas como escravas de ganho elas saíam pelas ruas das cidades negociando, gozando de certo empoderamento. (1994, p.48).

O costume de mulheres e seus escravizados negociarem gêneros alimentícios é bastante antigo nas aglomerações urbana do Brasil colonial e imperial. Para Dias esta atividade era exercida pelas mulheres, pois “roceiros, quitandeiros, vendilhões eram atribuições com conotações pejorativas de menos preço social. (VIEIRA FILHO, 2009 p.145)

---

<sup>2</sup> \*BOECHAT, Patricia Tereza Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima. *FEIRA-LIVRE: Dinâmicas espaciais e relações identitárias*. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia Campus V. BOURDIEU, P. “*A gênese dos conceitos de hábitus e campo*” In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel, 1989.

Sabemos que as mulheres são consideradas membros fundamentais na construção de uma família, mas a proposta desse estudo é mostrar a importância dessas mulheres negras em outros espaços para além do ambiente doméstico.

Atualmente pode-se perceber que não ocorreram muitas mudanças, pois nota-se que a maioria das mulheres que trabalham nas feiras, são mulheres negras, as mesmas vindas de classe social considerada baixa, e que estão nesse ramo de vendedoras por falta de oportunidade e a procura de adquirir o sustento.

Para desenvolver esse trabalho me deparei com dificuldades para encontrar fontes escritas que pudessem provar a participação das mulheres na construção e desenvolvimento da feira, por esse e outros motivos escolhi trabalhar com fontes orais, no caso com entrevistas, que foram analisadas, na tentativa de refletir sobre memórias importantes que foram silenciadas da história. Segundo Veloso:

Trabalhar com história oral é ter a compreensão que essas fontes nos informam mais sobre o significado do que sobre os acontecimentos. Através delas, informamo-nos não só sobre os fatos, mas sobre aquilo que eles significam para quem os viveu e os reconta; não só sobre o que as pessoas fizeram, mas sobre o que queriam fazer, crêem que podiam fazer, crêem que tenha feito e sobre as motivações, juízo e racionalizações (VELÓSO, 2005,p.27).

Importante ressaltar que através da história oral, tendo como fonte as entrevistas e nelas as experiências de vida das vendedoras, procuro analisar como o trabalho realizado por elas contribui para o desenvolvimento econômico da cidade. Os depoimentos nos proporcionam conhecer a história cotidiana da vida privada das entrevistadas. Dessa forma, dando destaque para aspectos que passam despercebidos em relação a documentos escritos, no caso, as particularidades do vivido.

Tendo como característica uma pesquisa qualitativa na tentativa de obter mais informações ricas em detalhes sobre um grupo menor de pessoas. Para isso optei por aplicação de questionário semi estruturado, onde ao decorrer da entrevista pude perceber outras sem se distanciar do objetivo.

Optei por entrevistas a procura de história de vida, tendo “como centro de interesse o próprio indivíduo na história”, como coloca Verena Alberti (1989, p. 19). Dando oportunidade de conhecer o cotidiano e o privado dessas mulheres, dessa forma fazendo com que o trabalho desenvolvido por elas tenha mais visibilidade.

Sabe-se que a História Oral não procura “verdade”, mais sim as particularidades, daquilo que não foi dito, nem ouvido por ninguém, aquilo que não se encontra em documentos, mas que descreve as experiências que o sujeito viveu. Segundo Cardoso:

Recorro à oralidade como uma opção epistemológica que fornece sustentação para uma investigação politicamente comprometida com a valorização e a recuperação das maneiras diversas de viver a história, conforme o gênero, a idade, a sexualidade, a classe, a raça, possibilitada pelo testemunho oral (Cardoso, 2012, p.28).

Toda memória mesmo sendo individual, faz parte de um passado que pode ter sido vivido na coletividade, no caso as lembranças das feirantes da cidade de Miguel Calmon podem me relatar acontecimentos de um grupo de pessoas. Sabe-se que a memória é uma construção feita no presente de coisas que foram vividas no passado. Peter Burke diz que a memória é uma reconstrução do passado. Bosi diz que “a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre. E a inteligência, que é capaz de inovar.” (BOSI, 1994, p.28).

Para esta análise utilizei como fonte os depoimentos de 11 feirantes, onde o nome das mesmas foram trocados devido a preservação da imagem e identificação das personagens entrevistadas, preferi trocar seus nomes para não causar possíveis constrangimentos devido às informações que serão considerados ao longo da pesquisa, obtidos por intermédio de entrevistas, a procura de revelar a relação entre a história social e a trajetória de cada feirante, a fim de compreender a contribuição das mesmas para a construção da sociedade e desenvolvimento da cidade.

O trabalho foi estruturado em dois capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, apresento minha fonte principal para análise social das feirantes; de onde são, a faixa etária de anos trabalhando na feira livre de Miguel Calmon. Além de apresentá-las discuto a divisão do trabalho com seus supostos companheiros, a escolaridade, a questão racial e a construção de autonomia.

No segundo capítulo procuro dar uma atenção especial à trajetória de vida de uma das minhas fontes, apresentando um pouco da subjetividade do indivíduo na busca pelo conhecimento comum, na tentativa de mostrar como uma mulher nordestina de classe média baixa conseguiu vencer todos os desafios que foram impostos pelo destino. Além disso faço uma reflexão sobre a transmissão do trabalho nas feiras para as novas gerações, para isso analiso também a trajetória de suas filhas e neta.

## CAPÍTULO I – NO MEU COMÉRCIO QUEM MANDA SOU EU: AS FEIRENTES DE MIGUEL CALMON

### 1.1. QUEM SÃO ELAS

**Dona Melissa**, 50 anos de idade, só estudou até a 4ª série do ensino fundamental, casada a mais de 30 anos, católica, moradora do Distrito do Brejo Grande. Relatou que iniciou seu trabalho na feira livre de Miguel Calmon com 20 anos de idade, vendendo produtos que davam na lavoura que cultivava: feijão, milho, quiabo, maxixe, umbu e manga.

Há praticamente 10 anos está vendendo comida caseira na mesma feira, dando seguimento a um trabalho antes desenvolvido por uma tia materna que lhe deixou uma freguesia certa. Melissa contou que já trabalhou em casa de família quando mais jovem, mas que preferiu o trabalho realizado na feira “porque o ganho é dela mesmo”. Observei em visitas à feira que o trabalho desenvolvido por ela na barraca de comida tem a ajuda de seu marido e um dos seus filhos. A entrevista foi realizada na casa dela, no dia 01 de abril de 2018, por volta das 14 horas da tarde.

**Dona Jurema** que também tem 50 anos de idade, relatou que só estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Casada, católica, iniciou seu trabalho na feira a mais de 15 anos atrás. Também já trabalhou em casa de família, mas prefere o trabalho na feira, pois concluiu que ela poderia mandar em seu comércio. Jurema vende bolos, avoador, brevidade, biscoitinho, doces que produz em casa. Da feira ela tira o sustento da casa. Em visitas feitas à sua casa em dia de produção, pude perceber que seu marido ajuda a fazer alguns doces, como por exemplo o avoador, mas a venda na feira é realizada por ela. Quando questionada se já tem alguém da família que trabalhava na feira antes dela, ela me disse que suas irmãs, e que ainda trabalham na mesma feira. Sua entrevista foi realizada no dia 01 de abril de 2018, as 15 horas.

**Dona Cacto** tem 45 anos de idade, a mais nova entre as mulheres que pude entrevistar. É casada a mais de 20 anos, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, evangélica. Trabalhou na feira por volta de 12 anos, começou acompanhando sua mãe. Relatou que já trabalhou em casa de família, mas que como ela disse “preferia trabalhar para mim”.

Ela afirmou que o trabalho da feira era seu único ganho, era de lá que tirava o sustento da casa, para ajudar o marido. Gostava de trabalhar na feira. Relatou que deixou de trabalhar nela porque não estava dando mais tanto lucro, antigamente conseguia com o dinheiro do que comercializava comprar a sua feira. Também utilizava o dinheiro para adquirir a matéria prima para produzir os doces que vendia, no caso, avoador, bolos, biscoitinhos, e ainda sobrava um “trocado”. Hoje em dia, segundo ela, a coisa estava difícil graças aos impostos cada vez mais altos. Sua entrevista foi realizada no dia 08 de abril de 2018 por volta das 17 horas.

**Dona Menta** tem 65 anos, me informou que estudou até a 4ª série do ensino fundamental, casada a mais de 40 anos. Relatou que trabalhou pouco tempo na feira, mas gostava do trabalho, pois de lá tirava o sustento da casa, além de ser um entretenimento como diz ela. Afirmou que já trabalhou na lavoura, em casa de farinha e que durante um tempo também trabalhou vendendo doces na feira de Jacobina. Sua entrevista foi realizada no dia 08 de abril de 2018 por volta das 17:30.

**Dona Alecrim** tem 65 anos de idade, viúva e católica. Estudou até a 1ª série do ensino fundamental, pois a mãe preferiu colocar outra pessoa para ensinar, alegando que sua filha sofria maus tratos na classe. No caso ela não aceitava as formas de “castigos” que eram impostos na escola. Alecrim começou a trabalhar muito nova, acompanhando sua mãe na feira desde os 3 anos de idade, aos poucos foi aprendendo o ofício. Também já trabalhou muito na lavoura ajudando os pais. Moradora do Povoado do Brejo Grande, gostava de trabalhar na feira, pois como disse ela “tava ganhando dinheiro”. As vendas constituíam seu único ganho e sustento de sua casa. Sua entrevista foi realizada no dia 08 de abril de 2018 as 16 horas.

**Dona Camomila** tem 75 anos, irmã de Dona Alecrim, passou pela mesma situação em relação aos estudos, cursou apenas a cartilha, estudando até o 2º ano, no caso 1ª série do ensino fundamental. Casada a mais de 50 anos, católica e moradora do Povoado do Brejo Grande, começou a trabalhar com 7 anos de idade na lavoura ajudando os pais. Com 8 anos já ia para feira com a avó Dindinha, aos 15 anos já tinha seu próprio ponto de venda.

O trabalho na barraca era dividido entre as mulheres da família, no caso a mãe e suas filhas. Quando questionada se gostava de trabalhar na feira me disse “se eu gosto? Dia quer que eu deixe, enquanto eu aguentar não deixo de ir para feira”. Ela relatou que antes de se aposentar era seu único ganho, e que sustentava a casa, já que o marido não conseguia. Sua entrevista foi realizada no dia 08 de abril de 2018 por volta das 15 horas.

**Dona Marcela** tem 49 anos de idade e estudou até a 8ª série do ensino fundamental. Casada, evangélica e moradora do Distrito do Brejo Grande na rua da Umburana. Disse-me que começou a trabalhar desde seus 14 anos na lavoura, e tem a mais de 20 anos na feira de Miguel Calmon, todos os sábados. Já trabalhou no hospital da cidade como enfermeira quando mais nova. Quando questionada se gosta do trabalho na feira me disse que sim, pois a ajudava a sustentar a casa. Sua entrevista foi realizada no dia 01 de abril de 2018 por volta das 18 horas.

**Dona Cacutinga** tem 55 anos de idade, estudou até o 5º ano, casada, católica, moradora do Distrito do Brejo Grande. Começou a trabalhar desde os 12 anos de idade na “roça”, e tem pouco tempo na feira de Miguel Calmon. Sua entrevista foi realizada no dia 08 de abril por volta das 18 horas.

**Dona Calêndula** tem 57 anos, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, alegando que os pais não tiveram condições de sustentar ela em Miguel Calmon para que pudesse terminar os estudos; o lugar onde morava não oferecia escola, Calêndula é casada, católica, moradora do Distrito do Brejo Grande e começou a trabalhar desde os 13 anos de idade acompanhando seus pais na lavoura. Trabalhou na feira livre durante 30 anos até se aposentar.

No período em que trabalhou na feira vendia em sua barraca doces como aovador, biscoitinho, bolos, produzidos em sua casa. Quando questionada se gostava de trabalhar na feira, respondeu que “não tinha o que dizer, não tinha do que reclamar”. Informou também que era seu único ganho e sustento da casa. Sua entrevista foi realizada no dia 08 de abril de 2018 por volta das 18:30.

**Dona Mandacaru** tem 95 anos de idade, viúva, católica. Começou a trabalhar desde muito cedo ajudando o pai, pois naquele período era muito difícil a vida na zona rural. Na feira iniciou seu trabalho com 18 anos, mas também já atuou como costureira e também como lavradora. É a minha entrevistada mais velha e que tem uma história de vida muito marcante. Sua entrevista foi realizada no dia 07 de abril de 2018 e 07 de outubro de 2018, por volta das 18 horas.

**Dona Jambu** tem 62 anos de idade, estudou apenas o primeiro ano do ensino fundamental. Informou que faltou tanto incentivo dos pais quanto interesse dela, sem falar que não tinha oferta de ensino fundamental completo no local de residência. É viúva, católica; “nasci católica e vou morrer católica”.

Começou a trabalhar muito nova, ajudando os pais na lavoura. Acompanhava sua mãe à feira livre de Miguel Calmon. Aos 15 anos de idade colocou sua primeira barraca na feira, vendendo doces que faz em casa. Desde então não falta uma feira, indo todos os sábados. Ela relatou que sua filha mais nova a acompanha, ajudando a vender os produtos, mas não aprendeu a fazer ainda. Jambu já trabalhou vendendo os doces na feira de Jacobina.

Ela me disse que “não falo mal da feira”, pois era sua vida. Após a morte do marido a feira ajudava a complementar a renda, pois a aposentadoria a ajudava bastante. Sua entrevista foi realizada no dia 08 de abril de 2018 por volta das 19 horas.

## **1.2. PERFIL SOCIAL**

De modo geral, pude perceber que as entrevistadas possuem condições socioeconômicas semelhantes, onde boa parte adquiriu e adquire através do trabalho desenvolvido na feira livre o sustento para sua família. Em relação à faixa etária temos mulheres entre 49 anos a 95 anos, sendo maioria por volta dos 55 anos de idade, algumas aposentadas, que permanecem na “labuta”. Em entrevista dona Camomila uma senhora de 75 anos me informou que “enquanto eu guentar Sabrina não deixo de ir pra feira não”. Assim como ela sua irmã dona Jambu me relatou que até o momento não pensa em deixar de ir vender seus doces na feira, ela disse que:

[...]mas a feira não aquela coisa mas[...]como antigamente não é mais não, hoje mesmo não da mais nada nada lucro de nada, se não abrirem o olho fica devendo, eu mesmo tive dinheiro meu pra interar alguma

coisinha, mas só pra ta indo pra feira mesmo[...]é tem os fregueses, tem a feirinha minha e de Utinga (filha mais velha) pra fazer e eu gosto, pra ir como é que diz? Ocupar a mente.

Segundo Souza (2014), até o final dos anos 70 a maior parte das trabalhadoras era jovens, solteiras e sem filhos. Através das análises sobre os depoimentos colhidos, podemos perceber que muitas dessas mulheres são mães, não estão encaixadas nas estatísticas de mães solteiras, pois tem o apoio e ajuda de seus maridos (p.48). No caso de dona Camomila disse que: “tu não ta vendo eu dizer que eu ia mais aquele veio”. No momento estava se referindo a companhia de seu marido para ir à feira. Mostrando dessa forma que existiam as exceções, onde alguns maridos acompanhavam suas esposas para desenvolver o trabalho na feira livre.

Um aspecto importante que pude perceber através das análises aos depoimentos e que essas mulheres são bastante religiosas, sendo elas católicas em sua maioria, com exceção de duas mulheres que são evangélicas. Uma delas demonstrou acreditar além do catolicismo na religião afro brasileira.

### **1.3. Divisão do Trabalho**

Podemos perceber a existência de uma mudança ao analisarmos o mercado de trabalho, as mulheres estão ocupando espaços que tinham pouco acesso, saindo do âmbito privado e indo a procura de trabalho para ajudar no sustento da casa, sendo que as mulheres negras já eram obrigadas a trabalhar desde muito cedo. Em relação ao mercado de trabalho, infelizmente ocupando cargos menos remunerados, às vezes produzindo mais que os homens e ganhando menos.

Em relação à divisão do trabalho entre homens e mulheres feirantes podemos dizer que durante muito tempo era desenvolvido igualmente, ambos cultivavam juntos para que o que fosse produzido fosse vendido. Em algumas visitas feitas a casa das entrevistadas pude perceber que existem alguns casos em que o marido ajuda a companheira a produzir os doces que são comercializados na feira livre, a exemplo da dona Jurema, em que seu marido ajuda na produção do avoador.

A partir das entrevistas realizadas com algumas feirantes pude perceber que o trabalho desenvolvido por elas é hereditário, transmitido entre gerações. Algumas

relataram que quando crianças iam para a feira com suas mães a fim de ajudar e também conseguir alguns “trocados” para comprarem suas coisas pessoais.

Além de aprenderem como se relacionar com as pessoas elas adquiriam uma “profissão” caso não conseguissem estudar o suficiente para conseguirem um emprego. Dona Camomila me informou que iniciou o trabalho na feira acompanhando sua avó;

[...]tu nu ta vendo eu te dizer que eu já ia mais Dindinha, já na base de 18 anos eu já viajava pra feira mais Dindinha[...]ai ficava lá mais ela, ai fui praticando assim um pouquinho, depois que eu fiquei moçona Dindinha deixou de fazer azeite ai eu fui fazer o azeite no lugar dela[...]ela disse “eu vou te da minha fia esse trabalho pra tu comprar tuas besterinha pra teu enxoval”, ai eu comecei a fazer azeite.

Segundo Guimarães (2010): Em muitas barracas famílias inteiras trabalham para manter o negocio, na barraca as profissões são transmitidas à próxima geração. Isso reforça e aproxima os laços culturais delas (p.10).

Algumas começaram tomando conta das barracas de suas mães enquanto as mesmas faziam a feira e comercializavam com as demais feirantes. Dessa forma, adquirindo conhecimento para que pudessem abrir seu próprio o negocio.

Boa parte das feirantes afirmou que seus companheiros não as acompanhavam e no trabalho desenvolvido na feira, deixando dessa forma sobre responsabilidade das mulheres a venda de alguns produtos e a compra de outros para a sobrevivência da família. Muitas relatam que através do que vendem nas feiras conseguem tirar o gasto para produção e um lucro para comprar os suplementos para alimentar seus entes. Nas entrevistas muitas relataram a importância desse trabalho

A gente trabalhou e não se arrependeu porque era o meio que a gente tinha né de sobreviver, de qualquer forma foi bom né[...]jou bom ou ruim nera tia Alecrim, era onde a gente arrumava o trocadinho. (Depoimento de Dona Cacto).

O único ganho da casa era aquele, Nel não tinha trabalho, só roça, ia pra roça, roça não da nada naquele tempo, ai quem segurava a buodega era eu mesmo, quem segurava as coisas, também pouca gente, ai dava pra ir sobrevivendo, mas foi sofrimento, quando eu fui nova, eu não achei moleza não, era sofrimento e as feiras, as feira como eu tava dizendo era boa. (Depoimento de Dona Jambu).

Interessante ressaltar as relações de poder estabelecidas por essas mulheres, assim destacamos as interações dadas entre as vendedoras e seus clientes. Através do seu trabalho na feira a mulher deixar de ser submissa de seus supostos companheiros e passam a serem autoras de sua própria história.

Segundo Dias:

A historiografia feminista [...] tem o seu caminho metodológico aberto para a possibilidade de construir as diferenças e de explorar a diversidade dos papéis informais femininos. O campo de visibilidade ainda é restrito porém cada vez mais nítido, construindo aos poucos um campo novo do conhecimento, na medida em que se devassam as distâncias entre norma e prática social, papéis normativos e informais. (DIAS, 1994, p.9).

#### **1.4. Morenas, Mulatas e Pardas**

Em relação à cor das mulheres que entrevistei, conclui que são mulheres negras, não somente pela cor da pele, mas também pela condição social. Apesar de muitas não se considerarem tal. A autoafirmação dessas mulheres enquanto negras é complicada, infelizmente nossa sociedade além de patriarcal é racista. Predomina no Brasil um pensamento negativo sobre a figura do negro, que durante muito tempo de nossa história foi subalternizado a partir sobre tudo das crenças de inferioridade racial.

Aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude; um tom de pele mais claro, cabelos mais lisos ou um par de olhos verdes herdados de um ancestral europeu são suficientes para fazer alguém que descenda de negros se sentir pardo ou branco, ou ser “promovido” socialmente a essas categorias (CARNEIRO, 2011, p.64).

Nota-se que no Brasil existe uma divisão racial do trabalho compartilhada e legitimada pelas formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Durante muito tempo a economia brasileira se desenvolveu num modelo de modernização conservadora excludente. Estudos sobre a disparidade de renda têm sido muito importantes para denunciar a desigualdade pautada no gênero e na raça, o que constitui prática discriminatória.

Sabemos que a nação brasileira sempre quis excluir a população negra dos seus projetos de construção. Podemos afirmar que existe uma divisão racial do espaço em nosso país. (GONZALEZ, 1979).

Quando falamos da desigualdade relacionada à cor de pele, o preconceito que existente em nosso país é muito grande, as mulheres negras ocupam o último lugar na escala social, elas são vistas pela sociedade como a categoria mais baixa. Ao compararmos com mulheres brancas, as negras são consideradas, incapazes de terem carreiras profissionais bem sucedidas.

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias; tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de consciência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo as elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão do qual são vítimas na sociedade (MUNANGA, 2008, p. 77).

A partir desta perspectiva muitas pesquisadoras (os) negras (os) e não negras (os) estão produzindo trabalhos sobre os excluídos da história, os operários, camponeses e as mulheres Cardoso afirma que conforme Collins:

As teóricas do ponto de vista feminista negro ou perspectiva feminista negra defendem a inclusão das experiências das mulheres negras visando a produção de conhecimento que possa ser útil para as vidas e as lutas das próprias mulheres, contribuindo para modificar suas realidades de exclusão e marginalização, e que se contraponha aos paradigmas tradicionais de validação do conhecimento (CARDOSO, 2012, p.72).

### 1.5. *“Era cartilha que a gente estudava naquele tempo...”*

Outra característica existente nesses relatos é a ausência de oportunidades para que essas mulheres pudessem estudar. A maioria só estudou até o 4º ano, não concluindo o ensino médio. Muitas reclamam da falta de oportunidades para estudar quando eram jovens, por conta da questão financeira da família, onde se existiu uma necessidade de trabalhar desde muito cedo, deixando de lado os estudos, outras casaram quando eram mais novas e deixavam de estudar para criarem seus filhos e cuidarem das suas casas.

Quando questionadas sobre os estudos, se conseguiram concluir o ensino médio elas diziam ter estudado:

Até a quarta mesmo mas foi porque não tinha escola como meus pais não tinham condição de mandar para o colégio na cidade que era Miguel Calmon aí tive que parar aqui mesmo na quarta série. (Depoimento de Dona Calêndula).

Eu estudei até 2º ano, é 2º ano que chama? Primário? [...] só foi o 2º, nem todo não foi, estudei o ano... era cartilha que a gente estudava naquele tempo, abc, cartilha, ai depois que saia da cartilha ia pro 1º ano, um livro que chamava 1º ano, ai depois do 1º passava pro 2º, pra ser o 3º, o 4º e o 5º [...] naquele tempo era assim, ai eu só estudei...

nem o ano todo não foi o 2º ano, primário.(Depoimento de Dona Camomila).

Graças à criação do Colégio Municipal Nossa Senhora da Conceição e da Escola Polivalente na década de 1970, houve um pequeno movimento de migração de algumas famílias da zona rural para urbana a fim de melhores oportunidades, mas poucas famílias tiveram condições de manter seus filhos na escola. Para as entrevistadas infelizmente essa chance não lhes foi dada; eram filhas de famílias carentes que não tinham como mantê-las na “cidade” para que pudessem estudar, sendo então obrigadas a desistir dos estudos antes de concluírem o ensino fundamental.

Algumas dessas mulheres relataram que voltaram a estudar anos depois. No caso das residentes do povoado do Brejo Grande, graças à implantação do Colégio Ronan Oliveira Mota no ano de 2005, elas tiveram a oportunidade de concluir a formação, pois o mesmo disponibiliza além do ensino fundamental, educação de jovens e adultos (supletivo). Facilitando o acesso não apenas dessas mulheres, mas também dos seus filhos e de toda população brejo-grandense.

Antes estudei até, até a 4ª série, naquele tempo[...]depois eu parei muitos anos que aqui não tinha colégio né, e a gente ficou aqui, não tinha como ir pra cidade, fiquei muitos anos sem estudar, ai depois dos 40 foi que eu voltei. (Depoimento de Dona Melissa).

Mas mesmo com acesso ao ensino fundamental muitas dessas mulheres ainda tiveram dificuldade para acessar o ensino médio. Elas trabalhavam durante o dia e se quisessem terminar o curso deveriam se deslocar para a cidade. Por conta do cansaço muitas dessas mulheres desistiram de estudar, dificultando ainda mais a oportunidade de ter acesso ao ensino superior, que naquele tempo só existia na capital.

Dona Marcela me relatou que: É a dificuldade quando foi para terminar porque eu morava lá no sitio, e ai pra terminar tinha que ir para Miguel Calmon e o carro chegava muito tarde e era muito escuro ali aquela subida, ai eu desisti não terminei.

Notamos dessa forma, que acesso a educação era ligada principalmente às condições sociais. Como nossas entrevistadas não faziam parte dessa classe considerada média, não conseguiam adquirir um ensino de qualidade. Enquanto isso, outras poucas famílias proprietárias mandavam seus filhos para a Salvador, capital baiana, a procura de formação superior, para que pudessem retornar para ocupar os cargos públicos

disponíveis. Importante ressaltar, que na década de 1980 eram poucos os que tinham esse privilégio, boa parte da população calmonense se encontrava no grau de informalidade e desemprego.

Um melhor nível educacional possibilita o aumento do potencial de geração de renda, de autonomia, do controle de sua fertilidade e maior participação na vida pública e estes são aspectos para mudar a vida das mulheres. (MELO, 2010, p.142).

As mulheres negras não obtinham essa oportunidade, muitas eram obrigadas a trabalhar em casa de família para poder sustentar suas próprias casas, algumas outras se mudavam para tentar a sorte na capital. Conversando com as feirantes, muitas afirmaram que também trabalharam como empregadas domésticas, mas que se fosse para escolher entre a feira ou a casa de família, sem sombra de dúvidas preferiam o trabalho desenvolvido nas feiras, pois nele, elas eram as donas do negócio, não tendo que prestar conta do serviço para ninguém.

Eu já trabalhei em casa de família quando era moça, também era nova, o que, dois anos[...]com todo trabalho na feira, porque na feira era por conta da gente mesmo e casa de família não gostei não, o salário pouco também. (Depoimento de Dona Melissa).

Já, casa de família [...] menina sei não viu (risos) acho que é uma, é na feira né? É na feira, pelo menos você ainda se diverte. [...]é bom[...]pois é o comercio né?[...] é bom demais, não tem ninguém pra mandar, eu mesmo, qualquer hora que eu quiser ir eu vou, quando eu não quiser. (Depoimento de Dona Jurema).

Outro aspecto que pude notar, foi que algumas das entrevistas pelo fato de não terem condições de estudar, acabavam não dando tanto valor ao mesmo, sendo assim, a única opção que restava era o trabalho, na lavoura enquanto jovens, e a venda dos produtos na feira após o casamento.

Porque não tinha, as escolas eram tão fraca naquele tempo, e ai eu também não me interessava, as crianças daquele tempo não se interessava nem os pais também, e eu, eu grandinha já o que, uns 8 a 9 anos não ia mais, eu preferia as vez em ficar em casa e ir pra roça, que naquele tempo os pais não tinham recuso pra da nada a gente, naquele tempo tinha muita mamona na roça e os pais era rigido minha fia, nos trabalhava de inchada pra ajudar, ajudar dentro de casa, porque eles iam ganhar, ia ganhar 2,3 dias pra fazer a feira, tirava 1 dia 2 pra roça, e eles iam pra roça, marcava aquele tantinho pra gente limpar naquele dia, e tinha que capinar mesmo, não tinha dizer que não, ai a gente ia capinava, outras vezes a gente ia mais eles, mas eles quebrava mamona, papai quebrava mamona mas Darinho e “Camomila”, eu mais “Alecrim” como era menor carregava aquela mamona todinha no

balaio, outras vez nos ia espalhar palma na roça que ele botava, tudo quanto era serviço a gente fazia...(Depoimento de Dona Jambu).

## 1.6. Donas do próprio negocio

Analisando os depoimentos podemos perceber que apesar das dificuldades encontradas por essas mulheres na luta do dia a dia, elas gostam muito do trabalho que desenvolvem na feira livre de Miguel Calmon. Aspecto visível é o empoderamento existente nessas mulheres por serem donas do seu próprio negocio, conseguem romper barreiras sociais como já foi dito, construindo uma nova visão sobre o papel desenvolvido por elas na sociedade. Segundo Ribeiro:

Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa Consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. (RIBEIRO, 2018, p. 136).

Graças a esse trabalho na feira livre podemos observar que essas mulheres conseguem adquirir o poder de se impor em decisões que são tomadas principalmente no âmbito privado, já que são elas em sua maioria que sustentam a casa, dessa forma transformado os ambientes e as pessoas, mostrando o seu devido valor de cidadã.

Políticas públicas vêm sendo implantadas em prol das mulheres, onde a responsabilidade sobre certo benefício disponível pelo governo fica a cargo da mulher, dessa forma, lhes dá o privilegio de gozar de um poder sobre algo que é importante para o sustento da família, tem-se o exemplo da Bolsa Família, segundo Berth:

No Brasil, agora pela perspectiva da gestão pública, são vários estudos nacionais e internacionais que apontam o programa Bolsa Família, implantado pelo governo Lula como um exemplo de programa destinado às mulheres que favoreceu o ambiente para que elas conseguissem o mínimo de autonomia por ser responsável pela retirada da renda, alterando a dinâmica de relações de poderes de diversas famílias. (BERTH, 2018, p.61).

Em observações feitas pude perceber como existe um acordo informal em relação aos produtos comercializados, são estabelecidas “normas” entre elas para realização das vendas, pois os produtos são padronizados e os preços semelhantes, portanto todas podem vender seus produtos sem se preocupar com desvantagens, principalmente no caso das vendedoras de doces, como avoador, biscoitinho, bolos...

Isso demonstra uma espécie de organização e ajuda mútua se pode notar uma sororidade entre as feirantes para que todas consigam o sustento de suas famílias, existindo de certa forma um trabalho coletivo que as torna companheiras de comércio e de vida.

## CAPÍTULO II - A TRAJETÓRIA DE VIDA DE DONA MANDACARU

### 2.1. “Seis anos, eu ia pra roça pega burro de madrugada...”

Dona Mandacaru, filha de Maria e João, nasceu no povoado do Brejo Grande no dia 28 de fevereiro de 1923. João veio de Pernambuco para Bahia após uma confusão ocorrida por conta de um relacionamento anterior que não foi aceito pela família da pretendente. Ao chegar ao Brejo Grande acabou conhecendo dona Maria que passava por uma situação complicada, ela estava ajudando uma irmã que tinha acabado de ter um filho e acabou engravidando de seu cunhado.

Eu sou filha de uma mãe solteira e tenho muito prazer, o povo não tem ódio de mulher que fica assim como Violeta (bisneta), eu não, que sou filha de uma mulher solteira, não tem coisa nem uma, o que é que tem? Eu não falo de nem uma, nem uma, pra mim tudo é de uma coisa só. E ai minha fia ele botou ela dentro, ela foi pra casa de uma irmã que teve menino, eu não sei se o foi o primeiro de tia Juvelina, caba o marido dela botou um filho na minha mãe, desonrou minha mãe, quando ela saiu de lá já foi grávida de um mês. (Depoimento do dia 6 de outubro de 2018).

Neste trecho Mandacaru relatou que sua mãe teve um filho de seu cunhado, a criança se chamava Aristide, esse filho nasceu antes de conhecer seu pai. Seus pais tiveram seis filhos, quatro mulheres e dois homens, seus irmãos Carmina, Arlinda, Adalta, Antônio Aquino e Alzira, todos moravam no povoado com os pais. Ela relatou que infelizmente alguns de seus irmãos faleceram novos por questão de saúde restando apenas ela.

Quando João chegou ao Brejo Grande disse que era tudo mato, e que as terras não tinham dono, por isso poderia cercar a quantidade de terra desejada para que pudesse sobreviver.

Nu tinha gente não minha fia, quando me casei em quarenta e dois aqui só tinha mato, só tinha minha casa aqui e o mato e redor, até o fim, terreno tinha muito, oia, foi tanto que papai não comprou terreno, papai cercou o que ele queria, tanto que ele quisesse o povo cercava porque não tinha dono. Minha madrinha Teovina criava porco na catinga, os porcos só comendo ariri o tamanho dos capados, porque ela já morreu só tem eu pra contar, os outros já morreram tudo, meus irmão já morreram tudo, meu pai, minhas duas mães morreu tudo, meus irmão tudo, só tem eu (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Segundo ela as únicas famílias que já morava no povoado eram a família de Melquezedeu, a família do vei Antônio Jerônimo, do vei Jerônimo, do tamanquinho, aquele povo do tamanquinho todo, e acho que de Assis é o mais velho pelo que eu sei. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Por falta de oportunidade muitas crianças começavam a trabalhar muito novas para ajudarem seus pais, essa foi uma realidade vivida por dona Mandacaru. Essa prática era considerada norma pela sociedade da época, pois para mentalidade da mesma apenas através do trabalho árduo que se dignificava o “homem”. Dona Mandacaru me informou que começou a trabalhar com

Seis anos, eu ia pra roça pega burro de madrugada, eu mas Antônio Aquino piquinininho, nós dois deitava nas porteiras, onça passava perto e papai mandava nós pegar o burro uma e meia naquele morro, e nós dormia na porteira, deitava pra dormir, quando o dia amanhecia nós pegava o burro eu sofri um bucado mas não tinha doença. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

A historiadora Valdirene Sousa em sua pesquisa sobre infância analisa a inserção de meninos e meninas no mundo do trabalho:

Quando perguntados sobre a divisão de trabalho com base no pertencimento de gênero, muitos(as) idosos(as) assinalaram em um primeiro momento que, com exceção dos afazeres domésticos que eram prioritariamente deveres femininos, meninos e meninas socializavam praticamente as mesmas obrigações laborais fora do lar, principalmente quando os pais eram agricultores e precisavam da ajuda de todos os filhos e filhas na época da plantação e da colheita. Mas essa percepção inicial não considera as próprias divisões que eram feitas no trabalho na roça, quando a maioria dos pais determinavam que as meninas se encarregassem de tarefas mais “leves” caracterizadas assim por não demandar tanta força física quanto aquelas que eram destinadas aos meninos. (2017, p. 215).

Além do trabalho de ir buscar os animais no terreno distante da casa em que moravam antes mesmo do dia amanhecer, Mandacaru informou que fazia de “tudo na vida, de inchada, já fiz óleo de mamona, custurei roupa de omi, roupa de muie, fazia corda, fazia cabestro, péa, bati, bati bro pra nós comer, um trem grosseiro” (Depoimento do dia 06 de outubro de 2018). Para Dona Mandacaru o trabalho em sua infância era o mesmo para ambos os gêneros, pois ela sempre ajudou seu pai na lavoura, realizando

varias tarefas tidas como pesadas para mulheres executar, mas que para ela já fazia parte do cotidiano. Ela firmou que não se incomodava em ajudar o pai, senhor João.

Sousa ainda traz uma discussão em seu trabalho a cerca das experiências vividas por idosos em infância da Paraíba, demonstrando o processo precoce de amadurecimento na infância:

Na medida em que as crianças se desvinculavam de determinados signos e códigos específicos do mundo infantil, deixavam de ser sujeitos passivos, dependes de cuidados e proteção para assumirem uma outra postura designada por uma série de obrigações familiares estabelecidas dentro da própria rede familiar em que estavam inseridas. (2017, p.219).

Em relação aos estudos, Mandacaru me informou que chegou a frequentar a escola, mas preferiu sair para ajudar seu pai no trabalho na roça;

Eu não queria estudar não, eu queria ajudar ele trabalhar minha fia porque ele não tinha quem ajudasse ele a trabalhar na roça, eu fazia tudo mais ele, capina, queimar roça tudo isso, eu era pra nascer um omi rapaz, eu embocava de baixo de um casuar de mandioca de burro e tirava e botava lá. (Depoimento do dia 7 de outubro de 2018).

Com o passar dos anos Mandacaru cresceu e conheceu seu pretendente no Brejo Grande mesmo. Ela narrou que mesmo antes de conhecê-lo fizeram fofocas sobre um suposto relacionamento secreto entre os dois, contudo eles nunca tinham trocado um olhar. Foi somente nas festas que frequentou em sua juventude que se conheceram, segundo ela foi amor à primeira vista. Casou-se “no padre” e no civil por volta dos anos de 1942, ela com 17 anos e ele com 20.

Não tenho pai, nem mãe viva, nem ninguém, se eu não caso Zene, nova com 17 ano eu tava a onde minha fia, ai eu casei, fiquei noiva com 12 ano, com 17 ano eu casei, com 18 eu tive Camomila, com 19 Erva, com 20 ano papai morreu rapaz, que eu quase enlouqueço, papai e tia, meus dois pais morreram. (Depoimento do dia 7 de outubro de 2018).

O relato demonstra então as limitações financeiras das famílias sertanejas naquela época; para não ficar sem teto e sem ter o que comer as mulheres se viam obrigadas a casar precocemente, para que seus maridos as sustentassem. Quando questionada sobre sua mãe ela me disse:

Já tinha morrido as duas mães, a mãe de criação e a mãe, eu fiquei com seis. Meu pai me botava pra levantar de madrugada, por isso que eu levanto todo dia quatro e meia, eu levanto devagar, já acendo meu fogo, do comida as galinha devagarinho, molho as plantas e ai levai. O veí eu batalhei , caminhei pra Miguel Calmon só que eu me lembre trinta anos com azeite na cabeça pra vender e eu não vendia e não comprava nada era assim e eu sofrendo só trazia uma lata de olho por semana, uma lata de olho de gás, eu sofri muito mais doença eu não tinha, fraca mas trabalhava porque não tinha doença. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Sobre seu relacionamento com seu marido, Mandacaru relata que foram anos que encontraram bastante dificuldade, pois o único meio de sobrevivência dele era o ganho no “macaco”, no caso trabalhando na roça de outras pessoas para ganhar o dia. Informou que o que ele ganhava com o trabalho que desenvolvia não dava para nada, por isso ela trabalhou vendendo o que conseguia produzir.

Ela conta que logo no início do casamento seu marido gostava muito de sair aos domingos para “curtir” e ela como não saia preferia ir para roça cuidar da plantação, demonstrando um posicionamento machista que era tido como normal naquela época, onde os maridos podiam sair de casa para se divertirem enquanto as esposas deveriam ficar em casa para realizar as tarefas domesticas e cuidar dos filhos.

Menina mais foi duro fia, ele ia pras festa arrumara só vinha no outro dia de manhã, o sol alto e eu já tava na roça, trabalhando, eu não esperava por ele não, eu tinha mais juízo redobrado do que ele, eu tinha minha roça, eu só botei roça de três tarefas, lutei com essa roça. Mamona, feijão, milho, tudo. E eu limpava duas, três vez essa roça, a primeira roça que eu plantei eu vendi dezessete sacos de mamona, eu quem fiz a roça, plantei, cultivei e ainda ajudava ele. Ele saía dia de domingo e eu ia pra roça soprava nove saco de mamona lá e ainda largava, lá tinha nada pra panha largava lá, no outro dia vai buscar tua mamona que já soprei, cansei de fazer isso (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Dona Mandacaru relatou que seu marido só parou de sair para as festas e deixá-la em casa quando ficou doente, a partir desse momento ele decidiu ficar mais em casa.

Até quando ele tava no meio da idade dele apareceu tanta doença que ele não saiu mais, repara o tempo que ele passou doente, eu nunca tive nojo dele, nunca deixei de lavar a roupa dele e paciência de fazer o dicomezinho dele eu fazia, até quando ele morreu. (Depoimento do dia 7 de outubro de 2018).

Ele teve câncer de próstata ficou um tempo fazendo tratamento, mas não conseguiu se recuperar e acabou morrendo; faleceu com noventa anos de idade, vivendo aproximadamente setenta anos de idade com dona Mandacaru.

Observei que dona Mandacaru assim como boa parte das mulheres de sua época tinham o casamento como algo sagrado, obedecendo aos mandamentos da religião, vivendo com seus maridos até o último dia de vida do companheiro. Segundo Vasconcelos (2014, p. 165) o casamento no século XX, na maioria das vezes era tido como principal finalidade de vida. Ou seja, as mulheres eram criadas para casarem e procriarem sem nem uma perspectiva de realização profissional. Elas eram responsáveis apenas pelos afazeres domésticos, educar as crianças e ajudarem seus maridos na agricultura, como já foi dito anteriormente.

## **2.2. “Deus quem pegava meus filhos...”**

Dona Mandacaru teve ao total doze filhos, dos quais apenas quatro sobreviveram, três mulheres e um homem: Alecrim, Camomila, Jambu e José. Os demais filhos não sobreviveram porque nasceram fora do tempo

O lugar tá lá onde eu abortava, Deus quem pegava meus filhos, não tinha parteira, não tinha só tinha Josina, tia Josina era dona do Brejo Grande de pegar menino, ela não dava conta, ai tive esses doze filhos nova, com trinta anos.[...] Doze filho e bora trabalhar ai agora. Com fome e fiquei com a roupa do corpo, pode dizer que, a cama não tinha mais lençol, não tinha mas colchão, o colchão era um cheio de raiz de arroz, e nem folha nem nada pra encher, lençol não tinha mais, só um que tá novinha, eu digo eu vou morrer, tô perdendo fi todo dia , eu num como é que eu morro e não tem uma cobertura pra mim, cuberta também cabou não tinha, não tinha mais nada não, eu fiquei de um jeito a casa não tinha nada também, papai não pode me dá porque o casamento foi lingeiro e ele não aguentou, porque se eu não caso fia foi pior, porque com vinte anos papai morreu e e eu ficava mais quem? mais quem? Minhas irmãs já tinha morrido um bucado. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Em relação aos partos que teve me informou que os mesmos eram muito rápidos, quando chegava um determinado período da gravidez que ela começava a sentir as contrações já era para ter filho, às vezes os tendo sozinha, porque não dava tempo a parteira chegar. Em um dos partos a criança nasceu pelos pés e ficou com a cabeça enganchada, como ninguém sabia o que fazer, quando a parteira chegou à criança já estava quase morta.

O horário que as criança nascer, Jorge não tava em casa não, acho que ele não viu nem um dessas pernas, porque ele tava na roça, trabalhando ou ganhando dia, eita vida, tive um na casa grande quase que eu morro, veio pelos pé minha fia, menino desse tamanho criado, quando foi na ora de nascer cadê parteira, quando Jorge foi na casa de tia Josina na carrera a criança ficou argolado, enforcado, na hora que tia Josina chegou o menino tava o menino tava afogado ne um bando de sangue, se não chega eu ia morrer também só foi na hora “o minha fia pra que tu faz uma coisa dessa”, meus parto era assim na hora que eu sentia podia chamar a parteira antes, porque tinha logo, ai ela arribou um bucadinho, eu lembro ainda, ai a criança nasceu, quando nasceu foi o coração tava batendo poquinho ai morreu oia o tamanho do menino macho, ai José chorava dizia, os menino que nasce morre, só fica eu, só ficou ele tadinho. (Depoimento do dia 7 de outubro de 2018).

Podemos observar que todos os partos de dona Mandacaru foram realizados por parteiras, algo que era muito comum no cotidiano dos moradores do povoado do Brejo Grande durante todo o século XIX e XX. Barreto em seu trabalho *A ciência do parto nos manuais portugueses de obstétrica* (2007), reflete sobre o surgimento da profissão de obstetra no século XVIII em Portugal, mostrando como os médicos foram substituindo as parteiras. No Brasil, a medicina dita oficial se consolida mais tarde e não chegou a todas as classes sociais ao mesmo tempo, por isso muitas mulheres permaneceram durante muito tempo realizando seus partos em casa.

Sabemos que atualmente foi implantado no Sistema Único de Saúde o parto humanizado, esse serviço tem características parecidas com o parto que antigamente era realizado pelas parteiras em casa, sem o auxílio do médico obstetra. Acredita-se que o mesmo tem vários benefícios tanto para a criança que nasce por essa técnica quanto para a mãe. Temos então um retorno de algo que é considerada uma prática cultural baseada em um saber tradicional.

### **2.3. “...Truxe uma feira de arrasto...”**

Como o que o marido ganhava não estava dando para sobreviver certo tempo Regina tomou uma decisão importante para a família:

Amanhã eu vou pra feira e você amola a foice bem amolada pra quando chegar segunda feira roçar sua roça, ai ele ficou, amolou a foice quando foi segunda feira tinha madeira de um jeito que deu pra cercar a roça, uma roça uma tarefa só tu vendo, deu tanta coisa, ele foi pra roça e eu fui pro croar sozinha rançar croar ai Deus me ajudou, ai ele disse, vamo ver se vamo passar mais fome, vamo ver, tem fé em

Deus, que você não passa mais fome, tenha fé, fui sozinha, ranquei 30 moí de croar, sai cedo o sol saindo, pra tirar esse croar, puxei, rapei, pra contar, oia era 10 fita, 30 moí fiz dois feicho de croar, botei na cabeça 4 hora eu cheguei aqui, ele tinha chegado também da roça, no outro dia eu bati, quando foi no outro dia juntou o croar e eu bati, fiz 30 corda, 1 real era um dinheiro esquisito, não era real não, era um tustão, tustão era pequenininho, ai fiz 30 corda e fui pra feira, botei o casuar no jegue com as cordinha, só corda, não tinha animal não só tinha jegue, e ai peguei essas 30 corda pra feira, mas trouxe uma feira de arrasto e ainda troxe dinheiro, eu digo, escuta, vem ver uma coisa aqui anda, oia ai tu não disse que nós ia morrer de fome meu fio, tu tem fé em Deus, tu não tem fé em Deus não?[...] Quando foi com 15 dias eu já tinha dinheiro pra ajudar pap... pra ele botar roça, roçar, o ai, cê não disse que ia morrer de fome, rapaz, negocio de botar roça, eu não sei onde é que ele tava com o juízo que não queria botar roça, no macaco ele não via dinheiro de jeito nem um, comprava um ossinho pequenininho, esse dinheiro era pra pagar esse osso, não desse jeito não vai e ai a coisa mudou poe essa roça uma tarefa ele tirou um quarto da terra plantou mandioca oia a raiz que deu , 6 mês nos tava fazendo farinha cabou a fome. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Em sua fala podemos perceber como era feita a produção de corda, instrumento muito utilizado na zona rural para lascar animais, e que era uma de suas produções feita do “croar” retiradas do ariri<sup>3</sup>. Jambu, filha de Mandacaru, também relata a produção de corda e fala sobre a ajuda que as filhas davam a mãe quando eram novas.

Nova também no meu tempo de criança rancar carua, eu ia pros carua, pra roça assim pra esses mei desses mato rancar carua os carua fechado nós chegava com as mão aberta cheia de espinho nas mão ai puxava chegava puxar aquele carua, chegava raspava, tinha vez que tava seco não dava nem pra raspar, botava dentro do rio, que o rio botava água ai deixava dentro de um dia pro outro ai nós ia pra lá raspar aquele carua, ai botava pra secar aquelas fitas, quando era sexta feira botava os moio pra levar pra feira pra vender, pra que? Pra fazer camisa de garrafa, que ali na lagoa tinha muita tabua, ai ali aquele povo comprava aqueles carua pra fazer camisa de garrafa pra vender também, que as camisa de garrafa era pra encaixar na boca pra fechar, oia menina um sofrimento, ela fazia cabestro, fazia peta, fazia tudo, ela disse? (Depoimento de Dona Jambu).

Também se falou sobre o plantio da mandioca e produção de farinha, atividades comuns no sertão baiano, já que a farinha no século XX era a alimentação mais encontrada na casa dos nordestinos. Dona Mandacaru disse que já existiam algumas

---

<sup>3</sup> Ariri é o nome popular de uma espécie de palmeira da família das Arecáceas (ex-Palmáceas), que produz fibras utilizadas na fabricação de cordas, pincéis, vassouras, etc. < <https://www.dicionarioinformal.com.br/ariri/>> Acesso em 01/10/2018

casas de farinha no Brejo Grande, afirmando que através da produção da farinha muitas famílias tinham o que comer.

Quando iniciou seu trabalho na feira Mandacaru lembrou todas as dificuldades, começando pela locomoção até o local da feira, tanto ela quanto suas filhas me informaram que iam andando, de pé, com um jeguinho na frente (depoimento do dia 7 de abril de 2018). O jegue era utilizado para carregar as coisas que levavam para ser vendido na feira. Mas antes, até na cabeça ela levava as mercadorias.

Num tinha feira não rapaz, sabe onde era a feira? No Marabá, nós ia pela estrada velha, tu nunca foi por aqui não né?[...] a estrada velha que sai no Brejo Grande de Cima e vai por lá, na ladeira grande, e vai por lá, passa nos corredor lá perto de Miguel Calmon, quando chegava nos corredor, nos aberava pelo morro do Cruzeiro, e saia no Marabá e a feira era lá, desse tamanhinho oia. Voltava sem nada. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

No trecho acima se fala um pouco sobre a feira no Marabá que logo se teve uma mudança da mesma para a Praça Lauro de Freitas, onde já existia uma melhor organização e presença de alguns armazéns para estoque de algumas mercadorias que eram produzidas na região, a exemplo, o feijão, o milho, a mamona, a farinha, produtos culturalmente cultivados no sertão baiano.

Além dos afazeres que foram citados anteriormente, a senhorinha de noventa e cinco anos me disse que adorava costurar roupa: “quem me ensinou foi minha madrinha Maria Etelvina”. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018). Como naquela época era difícil ter dinheiro para comprar comida, imagine para comprar roupa, davam bastante valor a quem soubesse costurar, porque além de fazer vestimentas com os cortes de tecido, era possível fazer remendos em roupas que já estavam desgastadas. Questionei se ela vendia roupa, e ela me disse que:

Não, o povo me trazia os corte pra eu fazer, Sandra precisou de um alfaiate, o alfaiate fui eu que fiz, fui muita coisa nesse mundo, custurei um bando, quando acabar aparecia roupa mal feita, ai o povo me dava a roupa pra costurar, ai eu arrumei outros trabalho. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

#### 2.4. “Andando com mamãe e aprendendo ali na feira né...”

Outra observação que pude fazer é que a profissão de feirante na família de dona Regina é passada de mãe para filhas, pois todas suas filhas foram e são feirantes, vendendo o mesmo tipo de mercadoria, os doces. Interessante ressaltar que desde muito novas as filhas já acompanhavam a mãe para ajudar no trabalho na feira.

Andando com mamãe e aprendendo ali na feira né, quando foi 15 anos, 14 anos botei uma barraca de doce[...] Ai foi passando um tempo, o mãe eu vou botar uma barraca pra mim, assim, eu vou pra feira também, ai nos duas vai pra ver se da certo, a eu pensei em botar uma barraca ai logo que boto, mas vendia mesmo pra valer. (Depoimento de dona Jambu).

Além das filhas terem seguido a mesma profissão da mãe, tem neta que trabalhou durante 12 anos na feira dona Cacto, filha de José. Existem duas netas que trabalham na feira também, vendendo o mesmo tipo de mercadoria; Calliandra, filha de dona Jambu, tem pouco tempo acompanhando a mãe aos sábados e está aprendendo a profissão, e Jurema Preta, filha de dona Alecrim, trabalha à alguns anos e que infelizmente não tive a oportunidade de entrevistar.

Notamos que através da venda na feira livre de Miguel Calmon uma família conseguiu ser erguida e se sustentaram pela mesma, importante meio de sobrevivência de diversas famílias. Sobre essa transmissão de trabalho entre as gerações, dona Jambu conta que:

Ai minha barraca era perto assim da de mamãe, mamãe botava as coisas dela no chão, mas era muito boa, a gente vendi muito, ai eu fui vendendo, fui vendendo, ai sempre sobrando um pouquinho, eu trabalhava muito, eu trabalhava na roça também as vezes ia juntando um dinheirinho, ai foi como eu comprei essa casa, com meus esforços de dinheiro que eu trabalhava e dessa barraca ai eu botei o dinheiro na poupança, ai eu tinha 80 cruzeiro naquela época, ai eu tinha visto que essa casa estava pra vender, ai eu falei a papai, o pai devia comprar aquela casa de Neli, que ela esta disposta a venda, ai papai, “tu vai comprar e como? Tu tem o dinheiro?” Eu disse tenho, ta na poupança. Ai pronto ai ele disse se vender, era 100 reais, ai eu conversei com o senhor Melquesedec ele disse que fazia pelos 80, reais não, cruzeiro, conto não era cruzeiro, parece que era conto, ai eu fui e comprei a casa, só no adobo, todo desteorada, ai eu comecei a trabalhar, comecei a trabalhar, ai arrumei, mandei Darinho arrumar toda. (Depoimento de dona Jambu).

Demonstra o quanto foi importante ter aprendido essa profissão com sua mãe, pois foi através dela que conseguiu juntar dinheiro e comprar a casa própria, que não estava em boas condições, mas que com o passar do tempo e com o pouco que ganhava pode ir reformando, deixando do jeito que queria. Além de sua casa pode ajudar na construção da casa de sua filha mais velha Utinga.

Eram muitos os obstáculos enfrentados por ela para chegar à feira livre para que pudesse vender seus produtos. Nos períodos de trovoadas era um sofrimento, pois por conta das chuvas fortes, o jegue que carregava a mercadoria para Miguel Calmon não conseguia atravessar o riacho que tinha perto da cidade. Outras vezes ela e sua filha eram obrigadas a se abrigar nas poucas casas que existiam pelo caminho:

Tinha dia que eu chegava mais mamãe nos corredor lá do braço midinho, quem disse que o riacho deixava passar, ai nós esperava, jegue atolava, jegue derrubava carga ai nós esperava vim uma pessoa um omi pra nós ir junto e se o jegue chegasse a atolar, pra pessoa ajudar a gente a desatolar, ei mamãe já sofreu, outras vez quando chegava na estrada, tome lhe água, tome lhe água, outra vez deu uma chuva de pedra ai nós ficou na casa de farinha de Fideli ali no... deu tempo nós chegar e ficar, menina e o mundo fechou de chuva e o mundo fechou e ai, e chuva caiu e chuva de pedra, derrubou umas brauna grande tanta avre que derrubou nesse dia a chuva chega zoava assim o rodava e derrubava as avre, sei quando, mas nós tava ai quando chegou em casa, ninguém se preocupava de saber de ir atrás de nós se tava viva ou se tava morta, eu nunca vi um tempo daquele não Sabrina, tá doido meu Deus, eu tinha dó de mamãe, porque mamãe sofreu, eu era muntada ne um jeguinho o que é que eu pensava da vida e ela atrás tangendo o jegue no escuro, saia daqui 3 horas, 2:30, 3, 12 porque ninguém sabia a hora.( Depoimento de dona Jambu).

São diversos relatos sobre as dificuldades encontradas pela senhora Mandacaru e suas filhas. Além das filhas tinha sua sogra dona Dindinha, que aparece bastante nos relatos das entrevistas. A mesma costumava ir montada em um jegue bem arrumada e adorava beber. Por conta do álcool dava muito trabalho para voltar para casa e acabava difamando a nora. Dona Dindinha produzia azeite de mamona, assim como dona Mandacaru para vender na feira de Miguel Calmon.

## 2.5. “...Sou da igreja católica...”

Em relação à religião dona Mandacaru diz ser católica, demonstrando uma fé inabalável. Ao falar dos evangélicos ela afirma que:

Sou, graças a Deus casei no padre no civil, casei no civil primeiro já tava com a barriga grande ai pai pagou vinte e cinco mireis, como era menina? Eu tava com uma barrigona pagou o padre pra fazer meu casamento eu fui com a barrigona. Sou casada no padre e no civil, e sou da igreja católica. Mas quando eu cas... quando eu a muito tempo não tinha esse povo todo não, não tinha não, ninguém falava nesse povo não de crente não, veio aparecer isso de certo dia pra cá, quando eles comer o dinheiro do povo todinho, eles ganham dez por cento, eles acaba com isso que o povo não vai mas e ai acaba, se vai ver se eu não morrer eu vejo, porque não vai ficar não vai aguentar, que tem duas aposentadoria uma é deles, mas esta é boa, oia menina, e os crente não quer saber da gente não intriga, de por mim intriga, fale se quiser eu, eu to na minha, eu to com Deus meu pai, nossa senhora Maria. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Muito devota do Bom Jesus da Lapa, relatou que houve uma fase de sua vida que esteve muito doente por conta de uma queda que tomou dentro de casa, deixando lhe um pouco debilitada. Fez consulta, mas não tomou nem um remédio recomendado pela médica. O que lhe assegurou a cura foi uma promessa ao santo.

Nada disso eu fiz foi uma promessa, e Jambu foi pra Lapa e comprou as... e disse que pagou a promessa e eu fiquei sanzinha até hoje. Aquele é que é um Santo milagroso e a fé em Deus, então não precisei mas e passar em médico, meus fi quem pegou foi Deus. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Ao mesmo tempo em que ela diz ser muito devota ao catolicismo, demonstra acreditar na existência de santos das religiões Afro-Brasileiras quando fala a respeito da doença em que seu filho vem enfrentando. Ela diz acreditar que é pela falta de atenção que o mesmo deixou de ter com seus santos Cosmé e Damião e que os mesmos estão fazendo com que ele sofra nem tem luz e nem água, tão com sede e sem luz, o povo diz que quem tem esse santo fia se maltratar, eles judia muito. (Depoimento do dia 7 de abril de 2018).

Interessante como as culturas estão interligadas. Podemos perceber características do catolicismo popular na fala de dona Mandacaru quando observamos essa mistura de crenças. Segundo Souza:

A Igreja e o catolicismo popular compartilham o respeito aos mesmos dogmas e diferenciam-se, portanto, aos olhos dos fiéis, das demais crenças religiosas, sendo tal diferença vista como um ponto de honra. O que constitui a diferença é a vivência e as crenças ligadas a eles. (2008, p.129).

Sabemos que o Catolicismo Popular é praticado pelas camadas sociais subalternas e mesmo sendo influenciado pela igreja, apresenta características diferentes do Catolicismo Clerical.

Através da trajetória de vida de dona Mandacaru podemos perceber como se davam as relações existentes entre mulheres e homens do século XX, onde existia de fato uma dependência das mesmas em se casarem na intenção de não ficarem sozinhas, já que era muito comum a morte dos pais por questões de saúde.

Interessante ressaltar que essas mulheres se casavam, mas continuavam trabalhando antes para ajudar seus pais e agora para ajudar seus companheiros a conseguirem o sustento para suas famílias, em muitos dos casos as mulheres que acabavam sustentando a casa com o trabalho desenvolvido na feira. Que foi o caso de dona Mandacaru e de suas filhas também, já que todas decidiram seguir a mesma profissão da mãe. Dessa forma transmitindo os saberes e práticas para as mesmas e fazendo com que todas possam sobreviver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre o trabalho desenvolvido pelas mulheres na feira livre de Miguel Calmon fez com que pudesse olhar de forma diferente, valorizando ainda mais esse trabalho, pois notamos que a mesma não se constrói apenas na perspectiva comercial, onde se existe uma prestação de serviços.

Através da pesquisa pode-se perceber a existência de laços construídos entre comerciantes e seus fregueses, e entre as feirantes, enfim, uma série de conexões e trocas de conhecimento, onde indivíduos da zona rural constroem juntamente com os seres da zona urbana a sociedade calmonense, existindo uma diversidade muito ampla de cores, sabores e costumes.

A feira é um meio de sobrevivência de muitas famílias brasileiras, em Miguel Calmon não seria diferente, pois por falta de trabalho formal para muitos os mesmos encontram na feira o socorro necessário, de onde conseguem tirar o suficiente para comer e se manter da melhor forma possível.

Através dos depoimentos podemos perceber como o trabalho desenvolvido pelas mulheres foi e é importante para o desenvolvimento econômico da cidade, pois graças a elas muitas famílias conseguem ter o que comer, fora que com o pouco que elas conseguem arrecadar em sua profissão é repassado para a comunidade, pois com aquele pouco elas conseguem fazer milagres, compram comida para dentro de casa, além disso, conseguem adquirir utensílios e eletrodomésticos para suas casas, dessa forma fazendo com que a economia da pequena cidade “rode”. Quando uma das entrevistadas relata que graças ao ganho na feira livre conseguiu adquirir sua casa própria e construir uma para sua filha, nos faz refletir sobre a influência da feira na vida das pessoas.

A pesquisa nos faz adentrar um pouco mais no cotidiano das mulheres, conhecer quem são elas, suas particularidades, pois devemos esclarecer que somos mulheres diversas, cada uma com suas subjetividades, na maioria das vezes compartilhando o mesmo sentimento de invisibilidade, que aos poucos esta sendo modificado.

Interessante notarmos como existe um perfil social das mulheres que foram entrevistadas, vimos que são mulheres consideradas de classe média baixa, mas que cada uma delas tem sua singularidade, mesmo tendo histórias de vida parecidas. Suas experiências são diferentes, por esse e outros motivos que é importante frisarmos sobre

a subjetividade dos indivíduos, não devemos homogeneizar os seres humanos, mas sim mostrar as diversidades de vivências.

Pode-se perceber que essas mulheres tem cor, apesar de muitas não se reconhecerem enquanto negras, e mesmo sem saber sofrem o preconceito implantado na sociedade como um todo, além de não terem tido as mesmas oportunidades que uma minoria da população. Não tendo acesso aos estudos como deveriam ter tido, fazendo com que aumentassem as estatísticas. Mas conseguindo vencer os obstáculos que foram surgindo com muita determinação e força de vontade.

Diante disso o presente trabalho buscou mostrar o cotidiano das vendedoras negras na feira livre de Miguel Calmon na tentativa de abordar a importância das mesmas para o desenvolvimento econômico da cidade trazendo com elas todas as experiências adquiridas em suas trajetórias de vida.

## FONTES

### Orais:

Dona Melissa, 50 anos - Entrevista realizada no dia 01/04/2018.

Dona Jurema, 50 anos - Entrevista realizada no dia 01/04/2018.

Dona Cacto, 45 anos - Entrevista realizada no dia 08/04/2018.

Dona Menta, 65 anos- Entrevista realizada no dia 08/04/2018.

Dona Alecrim, 65 anos- Entrevista realizada no dia 08/04/2018.

Dona Camomila, 75 anos - Entrevista realizada no dia 08/04/2018.

Dona Marcela, 49 anos- Entrevista realizada no dia 01/04/2018.

Dona Cacutinga, 55 anos - Entrevista realizada no dia 08/04/2018.

Dona Calêndula, 57 anos – Entrevista realizada no dia 08/04/2018.

Dona Mandacaru, 95 anos - Entrevista realizada no dia 07/04/2018 e 07/10/2018.

Dona Jambu, 65 anos – Entrevista realizada no dia 08/04/2018.

## REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

BARRETO, *Maria Renilda Nery*. A Ciência do Parto nos Manuais Portugueses de Obstetrícia. Niterói, **Gênero**, v. 7, n. 2, p. 219-236, 1. sem. 2007.

BERTH, Joice. **O que é Empoderamento?** Belo Horizonte-BH: Letramento: Justificando, 2018.

BOECHAT, Patricia Tereza Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima. **FEIRA-LIVRE: Dinâmicas espaciais e relações identitárias**. Mestrandas do Programa de Pós Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia Campus V. BOURDIEU, P. “A gênese dos conceitos de **hábitus e campo**” In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Difel, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **História como memória social**. In: \_\_\_\_\_. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Salvador, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York/London: Routledge, 2000.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças**. 1994, P.9.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A Feira Livre na Celebração na Cultura Popular**. São Paulo, 2010.

MELO, Hildete Pereira de. Leitura: **Mulheres, Educação, Ciência e Políticas Públicas**. Artigo do livro. Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade /

organizadoras Carmen Rial, Joana Maria Pedro e Silvia Maria Fávero Arend. – Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p. 142.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **"Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)"** - Instituto de Geografia da UFRN, 2006.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco**. Tese de doutorado (Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 1975.

\_\_\_\_\_. **Estrutura e função das feiras rurais no Nordeste. O caso da feira de Brejo Grande/SE**. FAPESP. 1969.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAZERA Jr., Eduardo. **A feira de Itabaiana, PB: Permanência e Mudança**. 2005. USP. São Paulo.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo. Companhia das Letras. 2018.

SATO, L. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre. v. 19. Edição Especial. 2007. p. 99.

SOARES. Cecília Moreira. **Mulher Negra na Bahia no século XIX**. UFBA. Bahia. 1994. P.48.

SOUSA, Valdirene Pereira de. **Maquinando rostidades para a infância paraibana: Entre discursos Jornalísticos e Narrativas Oraís (1930/1940)**. Tese de Doutorado em História. UFSC. Florianópolis. 2017.

SOUZA, Débora Alves. **Os frutos da revolução feminina**. Salvador. EDUNEB, 2014, p.55.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações**. História Unisinos 12(2):127-139, Maio/Agosto, 2008.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. **“É um romance minha vida” – a trajetória de Dona Farailda – uma casamenteira no sertão baiano: gênero, memória e construção de si (1929-2014)**. Tese de Doutorado em História. UFF. Niterói. 2014.

VELÔSO, T. M. G. **Pesquisando fontes orais em busca da subjetividade**. In: Dulce Consuello Andreatta Whitaker; Thelma Maria Grisi Velôso. (Org.). *Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória*. 1 ed. Campina Grande - PB: EDUEP, 2005.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Os Negros em Jacobina (Bahia) no século XIX**. São Paulo: Annablume. 2009 p.145.

VILARONGA, Dalva; CARVALHO, Geferson. **Retrato de Miguel Calmon: Análise Geral do Município**. Jacobina, Bahia: I. A. Moreira Gráfica e Editora (Gráfica Oxente), 2007, P.189.